O "OUTRO" INFAME ÀS MARGENS DO MESMO

THE "OTHER" INFAMOUS SHORES OF THE SAME

João Paulo Ayub[1]

Resumo: A figuração do "outro" alcança um lugar de destaque não somente no registro das "vidas infames", como também faz parte de todo o processo que culmina na edificação dos domínios do *Mesmo*. Este ensaio, a partir de uma proposta de interpretação da "História universal de La infâmia", de Jorge Luis Borges, e "La vie des hommes infames", de Michel Foucault, defende a ideia de que a constituição do sujeito infame caracteriza-se como um processo capaz de revelar tanto a face marcada do *Outro* quanto as Leis do *Mesmo* que o constitui.

Palavras-Chave: Borges, Foucault, alteridade, infâmia.

Abstract: The picture of the "other" takes a prominent place not only in the record of "infamous lives", but part of the whole process that culminates in the construction of the domains of the Same. This essay, from a proposed interpretation of "Universal History of Infamy", by Jorge Luis Borges, and "La vie des hommes infamous", by Michel Foucault, support the notion that the constitution of the infamous subject characterized as a process able to reveal both the marked face of the Other as the Laws of the Same.

Keywords: Borges, Foucault, otherness, infamy.

[1] Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

1 – INTRODUÇÃO

A figuração do "outro" alcança um lugar de destaque não somente no registro das "vidas infames", como também faz parte de todo o processo que culmina na edificação dos domínios do *Mesmo*. É verdade que a presença do *Outro* permanece velada nesse processo de edificação do *Mesmo*, como um hóspede indiscreto, restando às páginas da história que nos chega, quando muito, apenas o esboço inautêntico de sua (des)figuração.

Muitas vezes esquecidas, banidas, rejeitadas ou discretamente excluídas, tais vidas tem, nas vicissitudes de sua miséria – e a despeito de sua quase invisibilidade –, muita coisa a dizer sobre a natureza daqueles que executam diariamente o gesto de sua exclusão. Neste ensaio defendo a ideia de que a constituição do sujeito infame ("existências-relâmpagos", "poemas-vida" que recitam "sofrimentos", "malvadezas", "ciúmes", "vociferações", segundo Foucault) caracteriza-se como um processo capaz de revelar tanto a face marcada do *Outro* quanto as Leis do *Mesmo* que o constitui. Nesse sentido, falar do *Outro* é também falar do *Mesmo*: ou melhor, dizer o outro é também dizer aquilo que permite ao *Mesmo* gozar de sua ruidosa existência.

O domínio do *Mesmo*, esse lugar luminoso onde nos situamos, de onde falamos, de onde articulamos o nosso discurso e nele imaginamos enxergar a fonte de todo sentido, manqueja, ainda que muito discretamente, diante da palavra da exclusão. Sendo a palavra da exclusão o decaimento do gesto, a mudez de todo som e a sombra que não goza da presença da luz, universo mergulhado em penumbra[2], o que ela tem ou pode nos dizer? Em todo caso, se essa voz emudecida, se a palavra que nunca foi dita pode ainda ser escutada, de que modo devemos fazê-lo?

Parto então de dois registros distintos, que de alguma forma se complementam nessa busca pela figuração autêntica do "outro": a "História universal de La infâmia", de Jorge Luis Borges, e "La vie des hommes infames", de Michel Foucault. A partir desses dois autores – aqui aliciados na categoria de pensadores infames –, pretendo discutir e interpretar os traços fundamentais desta figura outra que povoa e ameaça – como uma sombra débil – as margens vacilantes que contornam os domínios do *Mesmo*.

[2] Ponto de transição da luz para a sombra.



As regentes do hospital – Frans Hals – 1664

2 – A TOPOLOGIA DA INFÂMIA

Nesta proposta de reflexão sobre a figura do homem/sujeito infame, inicio com algumas considerações a respeito do registro topológico que dimensiona a divisão instituída entre o *Outro* e o *Mesmo*. Tal divisão, mesmo/outro, que muito bem corresponde à polaridade constituída pela fama/infâmia, trata-se, sobretudo, de enxergar o movimento sutil – um movimento sub-reptício, fraudulento, clandestino –, cuja dinâmica – por entre, por baixo ou sob os poros da fronteira – consiste em separar e condenar ambos os lados à glória ou inglória devidas. A fronteira que institui o mesmo/outro, iluminado/obscuro, glorioso/infame, indicia e denuncia, desde o seu nascimento, a presença de um corte incisivo: a irmandade brutalmente negada por um de seus lados. Irmandade, nome que podemos dar à relação constituidora do par mesmo/outro, é negada no instante de todo nascimento possível; um gesto de exclusão inscrito também no coração da cultura ocidental.

A despeito da diversidade e riqueza de máscaras encenadas no longo desfile de nossa história – histeria, loucura, monstruosidade, doença mental, desvio de caráter, indivíduo perigoso, anormalidade etc –, por que esta coleção infinita de subjetividades "outras" mal pode ser conhecida a partir de si mesma? E daí a legitimidade da pergunta: quem é este *Outro*? Este ensaio objetiva a reconciliação do *Mesmo* com o *Outro*, a glória e a infâmia, "as regentes", e os sujeitos regidos. Para tanto, deve-se, ao mesmo tempo, remontar e ir além do gesto inconciliável que institui sua separação. Os autores que nos guiam nesse gesto de escuta, que nos ajudam a perscrutar o espaço insondável

do *Outro* – um espaço que em nossa sociedade goza do estatuto de um total apagamento –, nos conduzem ao ponto de chegada proposto em dois atos: enquanto Foucault descentraliza a razão no mundo ocidental e aponta para formas distintas a partir das quais o lugar da infâmia se destaca nas margens do *Mesmo*, Borges implode a topologia que ordena a separação nos mostrando, no registro de uma "história universal da infâmia", sua genuína positividade – o escritor argentino faz falar a infâmia a partir de si mesma, a tal ponto que as estratégias de composição de sua escrita se confundem com a coleção de perfídias narradas. Ele mesmo um escritor/personagem infame.

3 – MICHEL FOUCAULT E A ANATOMIA DO CORTE

Figurar a infâmia: estamos diante de uma tarefa extremamente inglória, dado que a fronteira que rege a separação do *Mesmo* e do *Outro* tem o vigor e a clareza da luz de uma razão que escreve em linhas seguras a cronologia de sua própria conquista. A razão que funda os alicerces da nossa cultura é ela mesma a fonte dissimulada a partir da qual pensamos a separação entre o *Mesmo* e o *Outro*. Quero dizer que todo pensamento sobre o "outro" só foi/é possível a partir desta ardilosa perspectiva, por sua vez purificada de todo ardil, que é o olhar examinador, inquiridor, e, portanto, verdadeiro do mesmo. Mais do que nunca estamos diante da perspectiva segura que fundamenta o olhar das "regentes" no quadro de Frans Hals. Um olhar purificador: purifica a si mesmo ao lançar na miséria o outro marginalizado/marginalizando-o. Quero dizer, de outro modo, que a luz que ilumina este *Outro* que ousamos enxergar para além de sua natureza entristecida é o ponto quase inevitável na contramão do qual devemos orientar todo o esforço da nossa reflexão. Essa luz carrega consigo os nomes da fama: iluminismo, esclarecimento, razão, direito, Lei, justiça, modernidade e tudo aquilo que preenche as sólidas estruturas deste rijo edifício que é o *Mesmo* na cultura ocidental. Diz Foucault, numa de suas entrevistas: "a universalidade do nosso conhecimento foi adquirida à custa de exclusões, banimento, rejeição, crueldade etc". Na trilha aberta por Foucault, identificamos no corpo do saber e nas práticas de poder aquilo que está presente enquanto ausência, um rastro faltante e, portanto, obscuro, que aponta para um gesto repetido de exclusão e silenciamento.

No prefácio sobre a antologia de existências que desvelam "A vida dos homens infames", diz Foucault:

> Não é uma compilação de retratos que se lerá aqui: são armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas cujas palavras foram os instrumentos. Vidas reais foram "desempenhadas" nestas poucas frases; não quero dizer com isso que elas ali foram figuradas, mas que, de fato, sua liberdade, sua infelicidade, com frequência sua morte, em todo caso seu destino foram, ali, ao menos em parte, decididos. Esses discursos realmente atravessaram vidas; essas existências foram efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras. Quis também que essas personagens fossem elas próprias obscuras; que nada as predispusesse a um clarão qualquer, que não fossem dotadas de nenhuma dessas grandezas estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro; que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa de cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado; que, no entanto, tivessem sido atravessadas por um certo ardor.,que tivessem sido animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos de seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, uma espécie de grandeza assustadora ou digna de pena. Parti em busca dessas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto menores elas próprias o são, e difíceis de discernir. Para que alguma coisa delas chegue até nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vi-

> das destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder. De modo que é, sem dúvida, para sempre impossível recuperá-las nelas próprias, tais como podiam ser "em estado livre"; só podemos balizá-las tomadas nas declamações, nas parcialidades táticas, nas mentiras imperativas supostas nos jogos de poder e nas relações com ele. (FOUCAULT, 2003, p.205-206)

Sendo assim, admitindo com Foucault e ao mesmo tempo negando-o quando ele diz ser "sempre impossível recuperar as vidas infames nelas próprias", ou seja, admitindo-se que mesmo a partir do *Mesmo* é possível pensar e acessar a natureza do *Outro*, por onde começar? Minha fala, eu que falo do centro irradiador das luzes do *Mesmo*, o saber oficial da Universidade, guarita serena, onde o poder alcança a estabilidade e institui os sons sobre o pano de fundo de silêncio, deve procurar aliados que aqui vou chamar de "habitantes das margens". Pensamentos marginais, tais como os de Foucault e Borges, capazes não somente de realizar a crítica da luz, luz que nos ilumina a todos neste preciso instante, mas de habitar e transpor a própria linha crítica que margeia os domínios do *Mesmo*.

Ao invés de iluminá-los com estas linhas que os ameaçam desde o abismo onde se encontram, gostaria de acreditar na possibilidade de convida-los à minha fala sem a imposição total das regras do *Mesmo*. Desse modo, gostaria de fazer justiça à noção de justiça contida na "hospitalidade absoluta" da qual nos fala Derrida[3], que consiste em dar acolhida ao outro antes que ele se identifique, antes que ele seja (posto ou suposto como tal) sujeito, sujeito de direito e sujeito nomeável por seu nome de família etc. Deixar que povoem minha fala tal como são, sem a contaminação

[3] Sobre a "hospitalidade absoluta", diz Derrida: "A hospitalidade consiste em interrogar quem chega? Ela começa pela questão endereçada a quem vem: (...) como te chamas? diga-me teu nome, como devo chamar-te, eu que te chamo, que quero chamar-te pelo nome? como vou chamar-te? É assim também que se dirige, ternamente, às crianças ou aos amados. Ou será que a hospitalidade começa pela acolhida inquestionável, num duplo apagamento, o apagamento da questão e do nome? É mais justo e mais amável perguntar ou não perguntar? chamar pelo nome ou sem o nome? dar ou aprender um nome já dado? Oferece-se hospitalidade a um sujeito? a um sujeito identificável? a um sujeito identificável pelo nome? a um sujeito de direito? Ou a hospitalidade se torna, se dá ao outro antes que ele se identifique, antes mesmo que ele seja (posto ou suposto como tal) sujeito, sujeito de direito e sujeito nominável por seu nome de família etc?" (DERRIDA, 2003, p.25 e 27)

infame que é própria a toda prática da interpretação – esta a ilusão que gostaria de cultivar nessas palavras que seguem.

4 – BORGES E A HISTÓRIA UNIVERSAL DA INFÂMIA

Jorge Luis Borges é um escritor dotado como poucos do poder de vasculhar na penumbra. A infâmia, condenada aos espaços insignificantes, deve ser farejada com o faro de um cão. Desse modo, em precisos recortes, a escrita de Borges é capaz de transfigurar o espaço contido do "real": num movimento paradoxal, dois ou três elementos de uma cena particular transtornam o lugar restrito de sua enunciação e se transformam, como vai dizer o italiano Ítalo Calvino numa de suas passagens sobre o escritor argentino, num "modelo do universo ou atributo do universo".[4] Através de suas versões fictícias de casos reais, ele apresenta a universalidade de um registro que habita, por natureza, a esfera restrita do particular, do insignificante, a infâmia. A fotografia exata da infâmia torna-se possível na medida em que o escritor, segundo ele mesmo, abusa de "certos procedimentos: as enumerações díspares, a brusca solução de continuidade, a redução da vida inteira de um homem a duas ou três cenas".

No conto "homem da esquina rosada", temos uma de suas frases lapidares: "Uma noite, porém, ilustrou para nós a verdadeira natureza de Rosendo". Nesta história curta entram em cena valentões suburbanos, entornando cachaça, portando punhais e disputando pequenos territórios na periferia da cidade. A violência enquanto estopim para o recorte narrativo se expande até o ponto de configurar um elemento decisivo para a formação nacional argentina. Vale lembrar também que o primeiro nome deste conto, por sua vez a primeira experiência de Borges no universo da escrita ficcional, foi "Hombres en las orillas", literalmente "homens nas margens".

Uma história universal da infâmia só pode ser escrita sob a pena de um escritor como Borges, capaz de implodir os domínios que particularizam um sentido confinado à condição marginal de excluído, o registro do infame, elevando-o à categoria de condição humana universal. Não se trata de uma escritura que procura no avesso da palavra sua verdade escondida. Ele

[4] CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. SP: Companhia das letras, 2008.

vai além do sentido estabilizado da palavra, buscando aquilo mesmo que ela não diz: ao revelar a outridade de um sentido apagado sob as superfícies luminosas do *Mesmo*, permite que aquilo que parecia "para sempre impossível" de recuperar, segundo Foucault, a infâmia "em estado livre", venha à luz e adquira uma existência plena de sentido.

Suas hoje clássicas histórias universais da infâmia nasceram também de uma estratégia de escrita igualmente infame: como ele mesmo diz no prólogo de seu livro, "São a irresponsável brincadeira de um tímido que não se animou a escrever contos e que se distraiu falsificando e deturpando (sem justificativa estética uma vez ou outra) histórias alheias." Diante das curtas histórias de Borges, narrativas deformadas de casos reais, apropriações indevidas de outros autores com os quais dividiu o universo de sua imaginação, saltam aos olhos do leitor figuras dispersas pelo globo, tipos naturais que atuam e adquirem importância como se "em sua casa" desde sempre estivessem, homens como Johnny Dolan El Dandy, famoso por seus porretes com cabeça de porco; homens como Kit Burnes, capaz de arrancar numa única mordida a cabeça de uma ratazana viva.

5 – A INFÂMIA ENTRE O REAL E A FICÇÃO

O registro da infâmia, aquilo que constitui a natureza deste *Outro* que habita fragilmente as margens do *Mesmo*, se encontra no lugar onde o "real" se mistura com a ficção e alcança o discurso no qual a palavra – acontecimento de sentido – faz da literatura um momento privilegiado da realidade. A literatura ressalta os sentidos possíveis da realidade – da verdade não referencial – e, assim, revela aos sujeitos a multiplicidade sempre presente no âmbito de sua existência. Como um grito incompreensível de um louco desarrazoado, a palavra da infâmia adquire seu pleno sentido na escrita de Borges e, por que não, na genealogia do poder proposta por Foucault. Pode-se dizer que ambos os pensadores buscaram na impossibilidade concreta do *Mesmo* a figura fugidia e inefável do *Outro*.

Encerro este ensaio com as palavras de Foucault sobre o "lugar particular" ocupado pela literatura a partir do século XVII, quando o Ocidente viu nascer toda uma "fabula" da vida obscura – e da qual o fabuloso se viu proscrito:

> obstinada em procurar o cotidiano por baixo dele mesmo, em ultrapassar os limites, em levantar brutal ou

insidiosamente os segredos, em deslocar as regras e os códigos, em fazer dizer o inconfessável, ela tenderá, então, a se pôr fora da lei ou, ao menos, a ocupar-se do escândalo, da transgressão ou da revolta. Mais do que qualquer outra forma de linguagem, ela permanece o discurso da "infâmia": cabe a ela dizer o mais indizível – o pior, o mais secreto, o mais intolerável, o descarado. (FOUCAULT, 2003, p. 222)

6 – REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. História Universal da Infâmia. SP: Companhia das letras, 2012.

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. SP: Companhia das letras, 2008.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

FOUCAULT, M. "A vida dos homens infames." In: *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.